

COMUNICAÇÃO E ESPAÇO URBANO: O SENTIMENTO DE "LUGAR" NO TEMPO DOS FLUXOS

Elane Abreu de Oliveira¹

Resumo

O espaço urbano se modificou de maneira decisiva ao longo do tempo, dentre outros fatores, por agregar em si o ritmo convulso dos meios de comunicação. Neste artigo, discutimos como o sentimento de lugar, o de pertencimento a um local, do habitante das grandes cidades foi alterado pelas tecnologias comunicacionais. Por proporcionar novas experiências espaço-temporais, o processo de globalização desencadeou novas relações do habitante com seu espaço físico e seu sentimento de pertença a um lugar foi sendo diluído por falsas totalidades mediatizadas. Assim, colocamos em xeque os “lugares” que se fazem de “lares” no cenário contemporâneo.

Palavras-chave: Comunicação, espaço urbano, globalização, pós-modernidade.

Abstract

The urban space was modified in decisive way throughout time, amongst other factors, for adding in itself agitated rhythm of the media. In this paper, we argue how the feeling of belonging to a place, the “place feeling” of the inhabitant of great cities, was modified by the communication technologies. For providing new experiences of space and time, the globalization process unchained new relations of the inhabitant with his physical space and his feeling of belonging to a place was being diluted for false media totalities. Thus, we evidence the “places” that make themselves of “homes” in the current time.

Keywords: Communication, urban space, globalization, postmodernity.

O viajante, tanto quanto o telespectador, vive uma experiência narcótica; o corpo se move passivamente, anestesiado do espaço, para destinos fragmentados e descontínuos.

Richard Sennett

Introdução

A cidade é fusão. Seja de espaços, seja de tempos, de linguagens, de modos de vida. No espaço globalizado, interligando continentes por canais de informação e trocas comerciais, a noção de "lugar" vai se desterritorializando e chega aos países, aos indivíduos, de formas e em proporções distintas. Como se passou a perceber o sentido de "globo"? Onde habitamos?

Apresentaremos, a seguir, um diálogo que versa sobre a cidade globalizada a partir de autores tais como Mike Featherstone, Néstor Garcia Canclini e David Harvey. Iremos abordar o tema do local e do global sob a conjuntura das transformações da comunicação no espaço urbano, assim como apresentaremos uma compreensão de como o sentimento de pertença a um local parece ser tomado pelo relativismo de novas experiências espaço-temporais.

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Diante dos estudos desses autores, discutiremos as perspectivas do local, do global, do tempo e do espaço - moderno e pós-moderno - e como as mudanças nesses campos alteram nosso sentimento de "lugar", de "lar". O habitante convive hoje não só com o aniquilamento do espaço pelo tempo, mas com possibilidades de experiências múltiplas dessa abreviação.

O local e o global: o "sentimento de lugar" na globalização

Com as facilidades tecnológicas das quais compartilhamos, torna-se cada vez mais desafiador dar conta da fisionomia do lugar onde vivemos. O sujeito, habitante das grandes cidades, parece diluir-se em presença de diferentes manifestações comunicativas que simulam o seu sentimento de pertencimento ao mundo. Ao trafegar nas ruas, pode ouvir rádio, passar por *outdoors*, falar ao celular. Em um bar ou em casa, pode sentar, assistir TV, conectar-se ao mundo pelo computador. Em outras palavras, hoje a cidade está ligada, na maioria do tempo, ao campo das informações midiáticas.

Pode parecer fatídico, mas uma pergunta bastante intrigante hoje é: em que tempo estamos? Ou: que espaço habitamos? Mergulhados em um intenso cotidiano de atividades, de deslocamentos espaço-temporais cada vez mais abreviados pelos meios tecnológicos de comunicação, é como se nossos corpos passeassem por mundos e tempos sem o sentimento de uma cultura "local", de uma experiência de "lugar".

Mike Featherstone (1995, p. 143), ao discutir sobre o local e o global em nossa cultura ocidental, assinala que

A intensificação da compressão global, temporal-espacial, através dos processos universalizantes das novas tecnologias da comunicação, o poder dos fluxos de informação, das finanças e das mercadorias, significa que as culturas locais inevitavelmente cedem. Nossa experiência e os meios de orientação tornam-se necessariamente divorciados das locações físicas em que vivemos e trabalhamos.

Ao passo que temos acesso ao mundo - ao sentido de globo - a partir de nossa própria casa, a noção de "lugar" vai se distanciando da nossa realidade. As experiências "globais" ganham força através de hábitos compartilhados em espaços que não existem fisicamente. Internet, TV, transmissões via satélite, dentre outros aparatos do "viver globalmente", vão aniquilando o senso de pertencimento a um local. Featherstone (Ibidem, p. 132) aponta que, com frequência, "(...) vivemos em localidades onde o fluxo da informação e das imagens obliterou o senso de memória coletiva e de tradição da localidade, de maneira que não existe senso de lugar".

Em certo sentido, como propõe Featherstone, o processo de globalização não é uma experiência unitária, total. Pelo contrário. A globalização vai gerando estruturas fragmentadas,

"espaços sem lugar", em que nós, habitantes, temos o sentimento de que não pertencemos a uma localidade delimitada e, sim, que experimentamos diferentes configurações temporais simultaneamente - "culturas desterritorializadas". Aspectos como esses são característicos do pós-modernismo e de que, também, irá compartilhar David Harvey (1992), em *A condição pós-moderna*, como apontaremos posteriormente.

Identificar o globo com um só lugar é dar-lhe um sentido de falsa concretude e unidade. Félix Guattari (1992), ao refletir sobre a cidade global, vai ao encontro da discussão de Featherstone (1995) e concorda que a política da globalização espalha ilusões de "igualdade" quando, na verdade, fragmenta, torna heterogêneos os mercados mundiais e, por assim dizer, as cidades espalhadas no globo.

Suas diferenças desiguais não se localizam mais entre um centro e uma periferia, mas entre malhas urbanas superequipadas tecnologicamente, e sobretudo informaticamente, e imensas zonas de habitat de classes médias e de habitat subdesenvolvido (GUATTARI, p 172, 1992).

O processo de globalização faz coexistir, no mesmo espaço, principalmente nos países do Terceiro Mundo - como discute, também, Canclini (1997) -, camadas sociais paupérrimas e, ao mesmo tempo, outras com grande poder aquisitivo (ver Figura 1). As diferenças sociais são evidentes no convívio de favelas e bairros nobres do Rio de Janeiro, por exemplo. Moradores se aglutinam e encontram sua maneira de ocupação do território da cidade.



FIGURA 1: Favela Pavão-Pavãozinho vista da Rua Raul Pompéia (Copacabana)

FONTE: literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com

Sobre esse aspecto das desigualdades, Beatriz Sarlo (1997, p. 14), em *Cenas da vida pós-moderna*, assinala que

As distâncias se encurtaram, não só porque a cidade deixou de crescer, mas porque as pessoas já não se deslocam por ela, de ponta a ponta. Os bairros ricos configuraram seus próprios centros, mais limpos, mais ordenados, mais bem vigiados, mais bem iluminados e com ofertas materiais e simbólicas mais variadas.

Nessa passagem, Sarlo exemplifica que, além da abreviação dos deslocamentos dos sujeitos, a praticidade da vida cotidiana inclui fatores como a privacidade e a segurança. Nos bairros ricos das cidades, inclusive, existe a forte adesão de condomínios fechados para moradia. Em Recife e Fortaleza, assim como nas demais grandes capitais brasileiras, também observamos que, nos bairros nobres, aumenta cada vez mais o número desses condomínios. E a preferência das classes média e alta por esse tipo de habitat é, justamente, por esses lugares permitirem o acesso rápido a supermercados, farmácias, escolas etc. Tudo o que necessitarem está em volta de onde moram. Então, menos tráfego pela cidade.

A segurança nesses prédios também é de grande importância para que, “vigiados” por circuitos internos de TV ou por outros canais, também possam estar em casa mais tranquilamente. Os condomínios, dessa forma, além de moradia servem de lugar para ficar nos fins de semana, já que a violência das ruas atemoriza os habitantes, e o próprio lar se torna seu local mais seguro, seu “centro” particular.

Essa vigilância privada, como aponta Sarlo, submete-nos ao imperativo das filmagens, seja em elevadores domiciliares ou comerciais. Sob a ótica videográfica, as extensões visuais se disseminam à medida em que novas “telas” se inserem no cotidiano. Pois suprimem-se as condições de espaço e tempo. Observador e acontecimento caminham paralelamente, captando o mundo de maneira simultânea. Não se finca lugar para os olhos, pois tudo é lugar por onde se pode observar. Não só se observa e se passeia pelas imagens, mas também se é observado por elas.

Já quanto às referências espaciais dos grandes centros urbanos, passam a coabitar, no mesmo lugar, fragmentos, marcas não só de classes, mas de tempos distintos. A uniformidade visual do espaço é de difícil apreensão. A arquitetura denuncia traços temporais mais remotos, paralelamente a rastros contemporâneos de mensagens publicitárias, como podemos ver na Figura 2. A Estação da Luz, construída no *glamour* do início do século XX, abriga hoje outros códigos visuais, como os do consumo.



FIGURA 2: Estação da Luz - São Paulo

FONTE: Fabio Raphael

O antropólogo Massimo Canevacci (1997, p. 169), que, dentre outros, realizou um trabalho sobre a cidade de São Paulo, comenta a coexistência das diferentes experiências em um mesmo espaço.

Tudo circula: as músicas, os slogans publicitários, os turistas, os chips da informática, as filiais industriais e, ao mesmo tempo, tudo parece petrificar-se, permanecer no lugar, tanto as diferenças se esbatem entre as coisas, entre os homens e os estados das coisas.

E diante de tantos signos em circulação intensa, entre uma e outra mensagem, "pode-se dizer que a cidade-mundo do capitalismo contemporâneo se desterritorializou, que seus diversos constituintes se espargiram sobre toda a superfície de um rizoma multipolar urbano que envolve o planeta" (Idem, Ibidem, p. 171). Os limites territoriais desaparecem. Os espaços se delineiam conforme os usos de informações estratégicas e programas de globalização. Estamos envolvidos por uma circulação intensa de códigos de comunicação contemporâneos. Como sujeitos comunicativos, passamos a habitar em um circuito dinâmico de linguagens e mensagens cada vez mais passageiras, que exigem uma sensibilidade complexa de percepção.

Nós, sujeitos, observadores em cujos olhos podem ser refletidas grandes quantidades de imagens e mensagens, vivemos um ambiente complexo, onde a percepção, como num prisma, é multifacetada. Quanto mais surgem diferentes naturezas de códigos comunicativos, mais

competência se precisa ter para filtrá-los. A diversidade de imagens que circulam no cotidiano, passando diante dos olhos, tende a torná-los suscetíveis às sugestões que mais apelam. E os apelos midiáticos são fortes.

O espaço urbano, em um conflito imanente de signos, adentra ao " (...) crescente processo de dessimbolização, da luta dos códigos e do *status*, que envolvem todos os outros âmbitos da sociedade contemporânea." (Idem, *Ibidem*, p. 23). Expurgados de identidade própria, "estrangeiros dentro da própria terra", tomados pelas diferenças culturais, como fala Canclini (1997), é difícil definir, dessa forma, aquilo que se constitui como um espaço contemporâneo - sensível ao nosso tempo. É, mais do que nunca, um desafio inquietante. Talvez esse espaço oscile entre o "global" instituído e o "local" que o habitante de uma terra deseja para si.

O habitat urbano: é possível um sentimento de "lar"?

“A certeza do espaço e do lugar absolutos foi substituída pelas inseguranças de um espaço relativo em mudança, em que eventos de um lugar podiam ter efeitos imediatos e ramificadores sobre vários outros” (HARVEY, 1992, p. 239). Foi no Modernismo que a experiência espaço-temporal sofreu suas mudanças mais mercantes. As distâncias passaram a ser mais curtas com a construção de estradas de ferro. O uso do telégrafo assim como a comunicação via rádio anunciaram os novos rumos das culturas locais e o intercâmbio cultural. O tempo e o espaço passaram a ganhar mobilidade e a noção de "lugar" ganhou relatividade, deixando de ser absoluta.

A simultaneidade advinda do rádio, a comunicação para milhares, começou a sedimentar a idéia de aniquilação do espaço. "O tempo público tornava-se cada vez mais homogêneo e universal no espaço" (Idem, *Ibidem*, p. 242). Passou a tomar força, nesta época, a noção de que o meio de comunicação levaria a uma perda de referência do lugar físico, com sua velocidade e poder de intervir na vida metropolitana. Paralelamente ao advento da comunicação, as práticas comerciais assumiram outra natureza. O dinheiro em espécie deu lugar aos "capitais fictícios", que são as formas de negociação baseadas em sistema de crédito. Os mercados de "capitais fictícios" passaram a ser fundamentais na emergência de internacionalizar o capitalismo comercial.

Esta fase de inovação modernista, de compressão do espaço-tempo, de ascensão do capitalismo, passou a configurar uma "crise de representação". Mudanças no cotidiano, nas práticas particulares e públicas apontavam para uma tensão que absorvia a segurança de horizontes fixos, de significados eternos para os cenários culturais. Abriu-se cena para a ruptura

de conceitos típicos de uma época e surge uma nova dimensão do "local" e "global" com o encolhimento do globo.

"Quem enfatizava a unidade entre os povos também aceitava a 'irrealidade do lugar' num espaço relativo fragmentado" (Idem, *ibidem*, p. 245). O caráter real, físico, do espaço se esvaziou. Onde foi parar o "sentimento de lugar", o sentido de comunidade? Na cidade moderna, praças e mercados foram criados para resgatar esse sentido comum, de preservação da vida comunitária. Necessidade de um novo ideal? Talvez. O Modernismo era o tempo da ruptura de certezas.

O que trouxe às cidades a condição pós-moderna? Primeiro vejamos o que Harvey nos diz sobre o "pós-moderno", no caso, imbricado à questão urbana.

O pós-modernismo cultiva (...) um conceito do tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, um 'palimpsesto', de formas passadas superpostas umas às outras e uma 'colagem' de usos correntes, muitos dos quais podem ser efêmeros (Idem, *Ibidem*, p. 69).

Essa fragmentação do espaço urbano, em que fronteiras são eliminadas e onde o intercâmbio de capital e bens simbólicos são factuais, "(...) existe num contexto com tecnologias de comunicação e de transporte capazes de lidar com a interação social no espaço de maneira bastante diferenciada" (Idem, *ibidem*, p. 77). Há, além de uma veloz modificação do espaço, uma constante sobreposição de formas passadas, as quais são "coladas" umas às outras, coexistindo vários tempos em um mesmo espaço.

Dessa forma, a condição pós-moderna não lida apenas - como na Modernidade - com a aniquilação do tempo e com a "irrealidade do lugar", mas também com somas, com convergências temporais e espaciais nas experiências dos habitantes. Podemos ver isso nas imagens que foram apresentadas anteriormente (Figuras 1 e 2). Canclini (1997), em seus estudos latinos, assinala que a cidade, redimensionada por fatores comunicacionais, carrega em si várias escrituras, múltiplas leituras, infundáveis imagens - como palimpsestos. É o lugar da informação, da dialética, do intercâmbio cultural. Não são apenas lugares físicos, ocupação de espaço, aglomeração de indivíduos, "sino también lugares donde ocurren fenómenos expresivos que entran en tensión con la racionalización, con las pretensiones de racionalizar la vida social" (Idem, *Ibidem*, p. 72).

As reflexões que teorizam sobre a cidade, o urbano, em sua condição pós-moderna, parecem não ser definitivas, pois nenhuma mais responde totalmente ao traçado que a invasão dos códigos comunicativos provocou nas cidades. Não se é mais lógico pensar a cidade, hoje, como oposto ao rural, nem como o lugar de população numerosa, apenas. Autores, como

Antonio Mela², compartilham a idéia de que a cidade era para ser pensada a partir da "experiência do habitar". E, para isso, devemos considerar duas características: a densidade de interação e a aceleração do intercâmbio de mensagens. Ou seja,

Hay aumentos de códigos comunicativos que exigen adquirir nuevas competencias, como lo percibe cualquier inmigrante que llega a la ciudad y se desubica, tiene dificultades para situarse en esta densidad de interacciones y esta aceleración de intercambio de mensajes (Idem, Ibidem, p. 71 e 72).

Desde o período do pós-guerra, quando a industrialização deixa de ser o fator determinante do desenvolvimento econômico das grandes cidades, as experiências do "habitar" citadino passam a estar envoltas pelos agentes comunicacionais. O espaço urbano assume características múltiplas, provenientes do intercâmbio e hibridismo culturais e das políticas neoliberais, de globalização, que destinaram a América Latina à distribuição desigual de material simbólico³ (Canclini, 1997). Nosso capital cultural, desde então, não teve oportunidade de grandes produções próprias. Internacionalizaram-se os bens de consumo e a modernidade ainda não acabou de chegar aos países latinos. Coexistem vários modelos de desenvolvimento urbano (tradicional, moderno, pós-moderno), o que não culmina em uma comunicação urbana uníssona.

Aqueles primeiros sons emitidos pelo rádio como anúncio da aniquilação do tempo na Modernidade, de ausência de sentimento de "localidade", hoje repercutem em um panorama cada vez mais imbuído de simulacros de "totalidade". Seja pelo rádio, pelo telefone celular, pela TV ou pela Internet, podemos saber, com grande detalhamento, o que acontece do outro lado do globo. São simulações de um sentimento de pertença. Os meios de comunicação têm essa habilidade de "aproximação" com a realidade.

Podemos ser imediatamente unidos a outras pessoas ou coletividades distantes, com as quais podemos formar uma 'vizinhança psicológica' ou 'comunidade pessoal' através do telefone ou da experiência compartilhada, obtidas por meio das notícias relativas a um 'outro lugar generalizado' que recebemos através da televisão (FEATHERSTONE, 1995, p. 162).

Nessa tentativa de recomposição da realidade "total", de simulação, de criação de "vizinhanças psicológicas", os novos atores sociais - os meios de comunicação -, formam imagens sobre o que não conhecemos, como se fossem deuses, e as quais, muitas vezes,

² Antonio Mela, escritor e estudioso da comunicação e cultura urbanas, é citado por Canclini.

³ Para Canclini, a América Latina, recebendo seu capital cultural de forma desigual, teve seu desenvolvimento e produção simbólica também desritmados pela internacionalização da economia.

recebemos passivamente. "Es un simulacro, hacen como que nos están diciendo como es la ciudad vista desde arriba, casi como Dios" (CANCLINI, 1997, p. 83).

Feathertone (1995) assinala que essa busca por ligações, por coesão, são formas de identificação temporárias das pessoas em um mundo da sociabilidade em fluxo incessante. As cidades, dessa forma, configuram um cenário propício para um sentido de falso "lar", de elos efêmeros e imediatos, e assim, cultivam experiências fragmentadas de habitar o espaço. O sentimento de pertença, de "lar", a "experiência do habitar" na sociedade pós-moderna, distancia-se do pressuposto de "local", mas também não encontra no "global" a sua expressão mais evidente. Alcançar o "lugar generalizado", único - que não vemos, que não conhecemos ainda concretamente - parece ser um projeto incompleto para as cidades do mundo.

Considerações finais

Ao discutirmos como o espaço urbano recebe, dissipa e guarda suas mensagens cotidianas, pudemos refletir sobre como o ser humano cidadão é afetado pelos fluxos que, por ele, passam todos os dias: as pessoas, os lugares, as informações. Seduzido pelas facilidades da sociedade pós-moderna, o sujeito da cidade se rende à dinâmica espaço-temporal, às marcas da volatilidade, ao imediatismo dos deslocamentos urbanos.

Em um espaço midiaticizado, múltiplas são as vivências de "avizinhamo" com a totalidade do globo. Relações humanas são redimensionadas diariamente via comunicação com fio, sem fio, a cabo, dentre outras formas a cada dia atualizadas. Essas simulações de aproximação com o mundo espalha sentimentos de "lugar" temporários. Limitados à experiência do dia-a-dia, aos pequenos fragmentos da cidade, à pequena parcela da sua grandeza e diversidade, é comum a quem participa do trânsito urbano ter uma visão isolada do espaço como um todo. "Cada grupo de personas transita, conoce, experimenta pequeños enclaves, en sus recorridos para ir al trabajo, para ir a estudiar, para hacer compras, pasear o divertirse" (Canclini, 1997, p.82).

Como Canclini aponta, a imagem que o habitante da cidade faz de seu "lugar" está imbricada aos seus deslocamentos e atividades particulares, aproximando-se da visão de uma pequena parcela da cidade e distanciando-se de uma visão "total" do espaço. Seria utopia o projeto de globalização em um lugar onde, além de desigualdades sociais, há coexistência de relações e "intimidades" com o mundo contemporâneo?

Imersos em condições culturais diversas, onde nem a Modernidade chegou por completo a todos os países, ainda está para ser construída uma imagem única do espaço global e vivenciar um sentimento único de pertença. Assim como a cidade é submetida a "colagens" sobre formas

passadas, como diz Featherstone, também somos nós em busca de nos sentirmos em "casa", fazendo elos aqui e ali, nem que seja por curto tempo.

Referências

- CANCLINI, Néstor Garcia. **Imaginarias urbanos**. Buenos Aires: Eudeba, 1997.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- GUATTARI, Félix. **Restauração da cidade subjetiva**, In Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura**: - globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.